

# CALEIDOSCÓPIO BIOGRÁFICO: A IMAGINAÇÃO SOCIOLÓGICA APRESENTADA AOS ALUNOS DO COLÉGIO MILITAR DO RIO DE JANEIRO

Ludmila Fernandes de Freitas<sup>1</sup>

## RESUMO

Este artigo refere-se ao uso de biografias como estratégia de apresentação da disciplina Sociologia aos alunos do primeiro ano do Ensino Médio do Colégio Militar do Rio de Janeiro (CMRJ). Atualmente, a organização da Sociologia no Sistema Colégio Militar do Brasil (SCMB) passou por reforma curricular, como ocorre a cada três anos. A partir de 2019, os alunos do primeiro ano são apresentados à Sociologia por meio dos conteúdos introdutórios à disciplina e que versam sobre processos de socialização e processos culturais. O procedimento didático-metodológico adotado busca enfatizar o protagonismo dos alunos na aprendizagem e na construção do conhecimento. No primeiro trimestre, os alunos puderam se apropriar do conceito de *imaginação sociológica* por meio da escrita de suas biografias, o que proporcionou o início do desenvolvimento de competências e habilidades fundamentais para a compreensão dos processos sociais nos quais se encontram envolvidos.

**Palavras-chave:** Ensino de Sociologia. Ciências Sociais. Ensino Médio. Colégio Militar.

<sup>1</sup>Doutora em Ciências Humanas – Antropologia Cultural pela UFRJ. Atualmente é professora de Sociologia do Colégio Militar do Rio de Janeiro. E-mail: ludmilaifcs@gmail.com

Entre os meses de março e junho de 2019, dediquei-me a ler cerca de duzentas e cinquenta biografias escritas pelos alunos das dez turmas do primeiro ano do Ensino Médio do Colégio Militar do Rio de Janeiro (CMRJ). O desafio de fazer com que os alunos pudessem me contar um pouco sobre suas histórias de vida surgiu da estratégia de aproximação que desenvolvi com eles já a partir do primeiro dia de aula. Neste dia, li para todas as dez turmas um trecho de minha biografia contida em minha tese de doutorado, defendida em dezembro de 2015 na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Nela, narrei meus sonhos e perspectivas como estudante desde o Ensino Fundamental até o Ensino Médio; ressaltai os motivos que acredito terem contribuído para a definição de minhas escolhas e que, em última instância, ajudaram a definir minha carreira; mencionei as escolas onde estudei, os professores que tive e como as condições familiares e relações de amizade contribuíram para tornar meus projetos de vida realizáveis até o ingresso na universidade<sup>2</sup>.

Tendo sido aluna de colégio da rede particular, minha trajetória difere em muitos pontos dos alunos do tradicional Colégio Militar. Não tenho pais militares e nunca fui compelida a trocar de colégio por conta da transferência dos meus pais<sup>3</sup>. Também não estudei em cursos preparatórios com o objetivo de concorrer às disputadas vagas do Colégio.

Desde o ano de 2018, quando comecei a dar aulas de Sociologia no primeiro ano do Ensino Médio, minha curiosidade sobre a trajetória dos alunos era grande. Ouvia dizer, por meio de outros professores, que a maior parte destes alunos já havia estudado em muitos colégios Brasil a fora devido à transferência de seus pais militares. Outros diziam que, além dos alunos que ingressavam por meio do amparo, havia um grupo menor daqueles oriundos de famílias de classes sociais

<sup>2</sup>A descrição de uma trajetória biográfica constitui-se por meio de uma “ilusão”, conforme nos fala Bourdieu (2006).

<sup>3</sup>A maior parte das vagas do Colégio encontra-se reservada aos dependentes de militares da ativa (amparo assistencial). Por meio delas, os alunos ingressam no Colégio em qualquer ano letivo, sem seleção intelectual, segundo normatização do Regulamento dos Colégios Militares. A maior parte dos alunos oriundos do amparo assistencial é composta por dependentes de militares do Exército.

mais baixas e que, por meio do ingresso em cursos preparatórios de renome (com ou sem bolsa de estudos), haviam sido aprovados nos concursos para o sexto ano do Ensino Fundamental e o primeiro ano do Ensino Médio<sup>4</sup>.

Ao final dos vinte minutos de leitura de minha biografia em sala de aula, disse aos alunos; “Eu contei minha biografia a vocês. Agora gostaria que vocês escrevessem contando a mim suas histórias de vida”. Os alunos aceitaram o desafio e se dedicaram a escrever sobre suas trajetórias em escolas anteriores até chegar ao CMRJ.

Durante a produção de suas histórias de vida, os alunos deveriam levar em conta determinados aspectos do seu cotidiano, tais como: local de origem (bairro onde mora), família, orientação religiosa (caso possuíssem), trabalho/profissão dos pais ou responsáveis, o que costuma fazer nos momentos de lazer, grupos de amigos, como se deu a decisão de estudar no CMRJ, como era a escola onde estudava (pública ou particular, no caso de ter estudado em outra escola) e expectativas em relação ao CMRJ.

A título de ilustração, segue a transcrição de trechos das biografias de alguns alunos que explicitam as diferentes formas de ingresso no Colégio:

Em 2013 vi os alunos do CMRJ no quadro soletrando do programa de televisão caldeirão do Huck e perplexos com a inteligência deles pesquisamos sobre o colégio. Fiquei muito empolgada com o tamanho do colégio, com as aulas de equitação e com o carneiro, meus pais também gostaram da possibilidade de eu estudar em um colégio público de qualidade. Ainda em 2013 meus pais me matricularam em uma explicadora chamada Judith na primeira rua em que moramos, ia a Judith

.....  
<sup>4</sup>Candidatos civis e militares podem concorrer ao restante do quantitativo de vagas do Colégio no sexto ano letivo do Ensino Fundamental e no primeiro ano letivo do Ensino Médio por meio de concurso. Em 2019, o concurso para ingressar no CMRJ teve uma relação candidato/vaga considerada mais alta que em anos anteriores. Foram oferecidas 45 vagas para o 6º ano do Ensino Fundamental (três delas reservadas para candidatos com deficiência) e 14 vagas para o 1º ano do Ensino Médio, uma delas para candidato com deficiência.

de manhã e à tarde ia ao colégio particular em que estudava, fiz as duas fases do concurso, mas não fiquei classificada. Em 2014 mudei de escola e parei de frequentar Judith. Fui para o colégio Martinsinho em Vila Isabel preparar-me para o colégio militar. Ao final do ano fui classificada no concurso em décimo primeiro lugar e estudo aqui até hoje.

Por meio dos pais de um dos meus amigos, tomei ciência do colégio militar. Como meus pais nunca tiveram uma condição financeira excelente resolvemos juntos que eu deveria tentar ingressar no colégio. No quinto ano meus pais fizeram esforço pra pagar um curso preparatório, o que mesmo eu estudando não me fez passar no concurso. Devido a isto estudei mais um ano (o sexto) no mesmo colégio. No entanto continuei estudando para o concurso, dessa vez por conta própria e finalmente obtive êxito.

Em 2016 eu ainda estava estudando no meu colégio antigo, colégio particular bem próximo a minha casa, quando a minha mãe recebeu o convite de me matricular no CMRJ. De início eu não queria entrar no colégio, pois achei que seria bem chato e também achava o uniforme horrível, pois eu ia para o meu antigo colégio de calça, tênis e a camisa do colégio. Porém, no mesmo ano eu entrei no CMRJ, confesso que foi difícil me acostumar com os horários e as normas, mas todo sacrifício ainda é pouco.

Em relação ao colégio militar eu pude aproveitar uma oportunidade única, pois eu sei que nos colégios aí fora existem centenas de estudantes que lutam dia a dia por uma vaga aqui nesse CM e eu posso dizer que eu fui ricamente abençoado e privilegiado por não ter precisado fazer o concurso devido a eu ser filho de militar.

Ao confrontar minha história de vida com as dos alunos, eu tinha como objetivo, além de estabelecer uma relação de confiança e empatia com eles, fazer com que pudessem perceber as pessoas e circunstâncias históricas que fizeram com que os meus e os seus caminhos trilhassem determinados rumos. Eu queria que compreendessem, como diz Charles Wright Mills, que:

A imaginação sociológica permite ao seu possuidor compreender o cenário mais amplo em termos de seu significado para a vida interior e a carreira exterior de uma variedade de indivíduos. Ela lhe permite levar em conta de que maneira indivíduos, no tumulto de suas experiências diárias, tornam-se muitas vezes falsamente cômicos de suas posições sociais (MILLS, 84:2009).

A imaginação sociológica foi um conceito desenvolvido pelo cientista social norte-americano C. Wright Mills na década de 1950, a partir do seu clássico “A imaginação sociológica” (1959)<sup>5</sup>. Para Mills, a compreensão da inter-relação entre biografia e o contexto histórico ajuda a explicar e entender o modo pelo qual o cientista social vê o mundo.

O que eu propus aos alunos foi um primeiro exercício de imaginação sociológica a partir da escrita de suas biografias<sup>6</sup>. Busquei transmitir a eles como o olhar sociológico sobre nossa própria trajetória de vida pode nos conceder a chave de compreensão das escolhas que fazemos ao longo de nossa trajetória e também da transformação dos percursos em busca da concretização de nossos projetos de vida.

Este foi o modo por meio do qual eu introduzi a sociologia aos meus alunos: contando sobre minha trajetória de vida e estimulando-os a escreverem sobre a sua própria trajetória. De pronto, por terem em sua maioria cerca de quatorze, quinze anos, muitos duvidavam da capacidade de escrever uma página que fosse a respeito de suas vidas. Acontece que, para um jovem, escrever sobre sua biografia torna-se uma tarefa deveras difícil de ser cumprida por acharem que viveram pouco: “minha breve história de vida”, escreveu um aluno como título do trabalho. Contudo, considero que o fato de eu ter lido antes a minha biografia

<sup>5</sup>Utilizo a edição em português Mills, C. Wright. A Imaginação Sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

<sup>6</sup>O trabalho desenvolvido com os alunos, e que culminou neste artigo, partiu das motivações provocadas em mim ao ler o texto de Silva (2005). Nele, a autora nos convida a iniciar o curso de Sociologia utilizando as biografias dos alunos como ponto de partida para a compreensão da sociedade.

fez com que muitos entendessem os mecanismos complexos pelos quais se dá a passagem da vida infantil ao início da juventude e empreendessem o esforço de trazer à baila as lembranças de onde estudaram, seus amigos, os professores que tiveram e os momentos de felicidade e dificuldades pelos quais passaram. Nesse período, muitas mudanças acontecem<sup>7</sup>. Colégios diferentes, novos amigos, dúvidas sobre seguir a mesma religião dos pais e, com frequência, mudança de estado - no caso da maior parte dos alunos de Colégio Militar que se encontram na condição de amparados. O nascimento dos irmãos, o falecimento dos pais e de avós, a aquisição de animais de estimação, a separação dos pais, casos de *bullying* por eles sofridos nas escolas em que estudaram: esses foram os acontecimentos relatados com maior frequência nas biografias<sup>8</sup>.

Em 2005 devido à profissão do meu pai (policial militar), ele veio a óbito de uma maneira bem cruel. Foi um período muito difícil, pois eu tinha onze anos. Nessas situações não importa a idade, a dor é a mesma, nessa época eu fiquei cerca de três meses sem ir para a escola, pois estava muito triste, não conseguia nem dormir direito, mas os familiares e amigos deram total força possível com gestos, carinhos, os abraços me ajudaram bastante e as minhas idas ao psicólogo. Meu pai e minha mãe se separaram por questões íntimas e minha mãe teve uma certa dificuldade de cuidar de mim sozinha, mas minha tia, irmã dela, estava presente para apoiá-la.

Aos nove anos comecei a fazer catecismo, mas foi por pouco tempo. Desde então sou afastado até hoje.

Antigamente estudava numa escola particular, mas eu sofria uma espécie de *bullying*. Os colegas me rejeitavam, me zoavam e tal, mas após um tempo cederam pela minha amizade.

<sup>7</sup>Um panorama geral a respeito dos diversos estudos sobre juventudes leva-nos a tratar desse tema no plural por ser uma categoria intelectual e experiência social construída cultural e historicamente (BOURDIEU, 1983; PERALVA, 1997; DEBERT, 2003).

<sup>8</sup>A descrição etnográfica sobre como se construiu a identidade contemporânea do aluno do Colégio Militar foi muito bem descrita e discutida em Freire (2015).

## A SOCIOLOGIA COMO UM CALEIDOSCÓPIO

Nas aulas posteriores, dei continuidade à reflexão sobre as escolhas que fazemos em nossas vidas. Afinal, elas são produzidas socialmente ou são exclusivamente fruto de uma decisão pessoal, particular? Como se deu a decisão para que ingressasse no CMRJ? Essa era uma das perguntas do roteiro de questões que deveriam constar na produção da biografia com o intuito de fazer os alunos refletirem sobre os limites das decisões por eles tomadas e também de alcançar o entendimento sobre a estreita relação entre as questões individuais e as questões sociais.

Na ocasião, apresentei aos alunos um brinquedo bastante popular, embora desconhecido pela maioria deles: o caleidoscópio. O brinquedo é um aparelho óptico formado por um pequeno tubo de cartão ou de metal, com pequenos fragmentos de vidro colorido que, através do reflexo da luz exterior em pequenos espelhos inclinados, apresentam, a cada movimento, combinações variadas e de efeito visual agradável.

A metáfora do caleidoscópio é comumente usada em diversas letras de músicas e poemas devido a sua característica variada em produzir distintas imagens. Apropriei-me da particularidade do brinquedo para metaforizar sua relação com a produção de distintos pontos de vista de explicação da sociedade pela Sociologia. Essa ciência possui o diferencial de fazer com que possamos enxergar a realidade por diferentes ângulos, ou melhor, distintos pontos de vista, assim como o caleidoscópio, que pode produzir imagens diferentes a depender das combinações de seus elementos. As variadas perspectivas que compõem a análise dos sociólogos clássicos e contemporâneos explicitam a diversidade de pontos de vista com os quais podemos alcançar um entendimento mais complexo da sociedade, diferenciando, assim, o olhar crítico proporcionado pela Sociologia do olhar de senso comum<sup>9</sup> trazido pelo aluno não iniciado na disciplina. Sendo

<sup>9</sup>Para fins de introdução à disciplina, trato senso comum como oposto ao conhecimento científico com o propósito de fazer o aluno perceber que a Sociologia serve como instrumento de conhecimento que ajuda a pensar, compreender e explicar a realidade, propiciando uma visão de mundo que vai além do senso comum.

assim, o objetivo principal das aulas do trimestre consistiu em fazer o aluno compreender e exercitar, por meio da produção de suas biografias, duas principais características da disciplina:

1. Todo pensamento sociológico é histórico e reflete de alguma maneira a diversidade de interesses presente na sociedade.

Todo pensamento sociológico é histórico. Mas há uma multiplicidade de formas de analisar a mesma questão ou fenômeno social. Isso demonstra que o pensamento sociológico reflete, de alguma maneira, a diversidade de interesses presente na sociedade.

2. A sociologia é um instrumento para compreender como os indivíduos agem em sociedade.

A vida particular está vinculada à sociedade e o dia a dia das pessoas se relaciona a acontecimentos próximos e distantes, no tempo e no espaço. Levar o aluno a refletir sobre suas ações cotidianas fez com que eles percebessem uma primeira e importante lição sobre a relevância da disciplina no Ensino Médio: a Sociologia é um instrumento para entender como os indivíduos agem em sociedade.

Ao longo da descrição de suas biografias, os alunos puderam refletir sobre os limites e impactos das escolhas em suas vidas. As escolhas influenciam o caminho que irão trilhar. Nesse caminho, encontrarão situações novas ou já conhecidas. O objetivo principal foi propiciar aos alunos a percepção da ligação entre os ambientes em pequena escala e a estrutura social, tendo em vista que as ações em sociedade são interdependentes: o cotidiano das pessoas é afetado por acontecimentos históricos diversos, que podem parecer distantes no tempo e no espaço, mas influenciam a vida dos indivíduos de modo decisivo. Portanto, tomar uma decisão é algo individual e social ao mesmo tempo, sendo impossível separar esses planos.

Os trechos a seguir demonstram os impactos das mudanças provocadas por acontecimentos alheios às escolhas dos alunos.



Em 2015 meu pai foi transferido para trabalhar nos Estados Unidos, já que ele é da força aérea. Passei um ano em Washington DC. Em 2016 voltei a morar no mesmo condomínio de antes, no Rio de Janeiro. A única coisa que mudou drasticamente foi a questão da minha escola. Antes dessa grande mudança em minha vida, da qual por sinal eu tive que aprender inúmeras coisas, eu estudava em um colégio privado na Barrinha. Como eu tive que fazer colégio a distância para não precisar repetir de ano quando voltasse ao Brasil eu fiz o Colégio Militar de Manaus. Isso fez com que eu obtivesse uma grande chance para entrar no CMRJ por sorteio, mas no meu oitavo ano isso não foi possível e não consegui vaga. Assim, voltei a estudar no colégio particular que era o que eu realmente queria, mas minha felicidade não durou muito já que fui sorteada para entrar no CMRJ no nono ano.

Estudei em varias escolas, pois meu pai é militar e se muda com frequência. Já morei em Macapá (capital do Amapá), Santa Cruz do Sul, que é uma cidade pequena do Rio Grande do Sul. Quando eu mudava de bairro eu mudava de escola, com exceção de quando mudava de Realengo para Deodoro. Acredito que essa seja a razão de eu sempre ter dificuldades na minha vida social e acabava perseguindo um pequeno grupo de amigos no colégio.

## A CRENÇA NA QUALIDADE DA ESCOLA PARA UM FUTURO PROMISSOR

Em minha tese (Freitas, 2015), tive por objetivo examinar a formulação de “projetos” de jovens alunos de duas escolas públicas de Ensino Médio localizadas na zona norte do Rio de Janeiro. Por meio do uso dos conceitos de “projeto” e “campo de possibilidades”, busquei compreender, a partir da descrição de suas trajetórias e perspectivas futuras, como os alunos organizavam suas condutas a fim de atingir finalidades específicas e em que medida a escola seria vista pelos jovens como instituição que oferece a possibilidade de transformação sobre suas condições de existência (Novaes, 2006).

Utilizo o conceito de “projetos” a partir da definição dada por Velho (1997;2003) seguindo Alfred Schutz:

Projeto, nos termos deste autor (A. Schutz), é a *conduta organizada para atingir finalidades específicas*. Para lidar com o possível viés racionalista, com ênfase na consciência individual, auxilia-nos a noção de *campo de possibilidades* como dimensão sociocultural, espaço para formulação e implementação de projetos. Assim, evitando um voluntarismo individualista agonístico ou um determinismo sociocultural rígido, as noções de *projeto e campo de possibilidades* podem ajudar a análise de trajetórias e biografias enquanto expressão de um quadro sócio-histórico, sem esvaziá-las arbitrariamente de suas peculiaridades e singularidades (VELHO, 2003: 40, grifos da autora).

Nos limites deste artigo e também das leituras das biografias construídas pelos alunos do primeiro ano, pude concluir que, também no CMRJ, a educação é vista pelos jovens como fator que, oferece a possibilidade de transformação sobre suas condições de existência. Essa questão remete ao papel da educação na formação das diferentes juventudes e em que medida ela oferece essa possibilidade mediante a influência das redes sociais, como amigos e família.

A rede de amigos, a família, a proximidade física e emotiva em relação à escola e os comentários dos familiares e professores de colégios anteriores sobre a instituição de ensino indicam influências importantes na hora de optar por estudar ou concorrer a uma das vagas no CMRJ. De modo geral, os alunos disseram que tinham boas referências sobre o ensino no colégio e isso os ajudou posteriormente compreender a escolha de seus pais e responsáveis, mesmo no caso dos alunos que inicialmente relutavam por variados motivos em estudar no colégio. A escolha para estudar no CMRJ se deu, portanto, fortemente por meio da influência da família e, no caso dos alunos concursados, pela influência de professores dos cursos preparatórios onde estudaram. A dinâmica intraescolar

(professores e demais profissionais da área da educação) e extraescolar (família, redes de amigos e professores de cursos preparatórios) influencia na construção do acesso à universidade e na aprovação em concursos para a carreira militar como parte do universo de desejo da maioria desses alunos.

O CMRJ superou minhas expectativas. Ao entrar aqui fiz valiosos amigos e passei a ter uma paixão inexplicável por esse colégio. E essa paixão só cresce a cada ano aqui.

Antes de estudar no CMRJ eu estudava no colégio Piraquara, um pequeno colégio perto da minha casa. Não é uma boa escola, mas deu pro gasto. Minha vinda pro CMRJ veio muito por causa do meu irmão que se formou ano passado e atualmente está na EsPCEX seguindo seu sonho.

Minha mãe quando era mais jovem trabalhava em um banco, ganhava seu próprio dinheiro, porém ela teve que largar tudo pra ter tempo de cuidar das crianças, já que meu pai vivia na organização militar da marinha do Brasil. Meu pai sempre ajudou muito seus filhos em relação aos estudos, sempre dava as melhores escolas, melhores cursos, melhores livros... Só tenho a agradecer a ele.

Foi um professor de matemática do curso preparatório onde estudei que me incentivou a fazer o concurso para o CMRJ. Eu nem conhecia o colégio.

Eu sempre ouvia falar muito bem da instituição e via fotos dos alunos fardados, em forma, com seus cabelos devidamente cortados, barbas feitas e o uniforme bem apresentado. Esse colégio era um sonho para mim e eu sempre pedia aos meus pais que tentassem me colocar nesse colégio.

Desde pequena visei a seguir a carreira militar, no ano de dois mil e dezoito estudei na rede Elite de ensino e absorvi tudo o que pude para agregar aos meus conhecimentos enquanto estive lá. Nesse mesmo ano realizei a prova do concurso de admissão ao CMRJ e, graças

a Deus e ao apoio da minha família fui aprovada, sendo a primeira colocada dentre as meninas. Espero aprender muito e entender mais sobre o militarismo. Meus maiores sonhos são constituir minha família, pois acredito que a família seja a maior herança de uma pessoa, e também ser aprovada no concurso de admissão à EsPCEx, para poder ingressar na carreira militar.

Os fatores escolares são muito citados nas biografias como fatores que contribuem para alcançar o sonho de passar em um concurso militar ou em uma universidade pública. A diferença nas condições físicas apresentadas pelos colégios militares foi citada por vários alunos como um diferencial: “Estou muito feliz de estar estudando em uma escola tão organizada e disciplinada”.

Quando eu estava no quinto ano meu pai decidiu que eu cursaria o ensino fundamental II e o médio no CMRJ. Fiquei animado com a notícia. Nas férias de 2014 eu não pensava em outra coisa a não ser o outro colégio. Sempre passava pela minha cabeça: será que é rígido mesmo? será que as provas são difíceis? O tempo voou e quando vi já era um cadete de Thomaz Coelho. O CMRJ é um colégio diferente dos demais, não só pela qualidade do ensino, mas também pela estrutura das instalações. Sempre fui atlético, não é a toa que já fiz vários esportes no CMRJ, tais como: natação, orientação, xadrez, atletismo, basquete, vôlei e futebol.

Uma escola como esta, que dispõe de melhores equipamentos e recursos, como espaço adequado para a prática de atividades esportivas e ensino de qualidade seria, portanto, na visão dos alunos, capaz de promover o diferencial na aprovação em um concurso militar ou em uma universidade pública<sup>10</sup>.

.....  
<sup>10</sup>Com o passar os anos o estabelecimento escolar tornou-se um novo objeto de pesquisa na Sociologia da Educação. Para estudos como os de Barbosa (2009), a qualidade da escola é tida como um item essencial aos processos de democratização desta.

As motivações dos alunos para a persecução de seus sonhos e a definição de suas trajetórias encontram-se, portanto, fortemente ligadas à experiência que desenvolvem como alunos no CMRJ.

Acredito eu que a coisa mais importante que aconteceu em minha vida foi entrar no CMRJ no ano passado e descobrir qual é meu verdadeiro sonho: jogar vôlei para o resto da minha vida. Sempre adorei todo tipo de esporte, mas quando eu comecei a jogar na equipe do colégio e, principalmente, quando eu tive a oportunidade de jogar de líbero, percebi que essa é uma sensação diferente e muito boa. É como se a qualquer momento que eu estivesse me sentindo mal, chateada, com raiva ou até mesmo triste, eu precisasse somente acertar uma defesa ou conseguir atacar uma bola que o sorriso já volta para o meu rosto. As lembranças e sentimentos que eu tenho e penso dentro da quadra é algo único e inesquecível.

Entrei no colégio por meio de um sorteio. Sabia que a escola era boa, me dedico ao máximo para estudar, porque tenho consciência que se eu terminar o ensino médio minhas chances aumentam para ingresso em uma faculdade ou em alguma outra coisa.

Sobre o CMRJ espero que seja uma escola que me capacite para fazer concursos militares.

Na minha opinião com determinação e esforço pode ser conquistado qualquer coisa, mas eu tenho que admitir que o CM (igualmente com colégios de grande ensino) dá mais oportunidades do que o meu antigo colégio, por exemplo. Que por mais que seja particular, não tem o ensino e nem as oportunidades que o CM tem. Um dos motivos de eu querer entrar no CM foi pelas oportunidades. Sempre me interessei. E por essa e outras eu quis esse colégio. E ainda bem que consegui. E foi por causa dele que pude conhecer meus amigos que tenho hoje.

Espero adquirir conhecimentos e estudos que me auxiliem a alcançar o ensino superior. Continuarei aproveitando esta instituição até o término do ensino médio e sairei daqui grato e com muito orgulho de ter sido um cadete de Thomaz Coelho e ter feito parte da história desta casa.

## CONCLUSÃO

Conhecer e relativizar as diferentes formas de ingresso no Colégio a partir da leitura atenta das biografias dos alunos do CMRJ e da convivência com eles, nesse primeiro trimestre, consistiu-se numa tarefa desafiadora. Um desafio que se impôs a mim desde o princípio, quando pude refletir sobre a minha própria trajetória de vida e o entendimento das escolhas em nada fortuitas propiciadas em minha trajetória profissional.

Desenvolvi um exercício de empatia no qual busquei compreender algumas das razões das condutas dos alunos que ingressaram no Colégio, interpretar suas ações como estudantes do CMRJ e as motivações relativas aos seus sonhos e projetos futuros.

Nesse processo, foi necessário refletir sobre o lugar do CMRJ na rotina dos estudantes. Assim como na minha tese, na maior parte das biografias dos alunos do CMRJ, a educação é enxergada como um caminho para um futuro promissor, para melhorar a vida da família e um modo de fazer com que seus sonhos e projetos possam se concretizar. O Colégio também é colocado como espaço de sociabilidade, quando os alunos ressaltam a interação com antigos e novos amigos, embora para alguns essa rotina seja cansativa por acordarem muito cedo todos os dias, como os alunos que residem na zona oeste da cidade ou na região metropolitana, como São Gonçalo.

Nesses meus cinco anos de colégio militar eu morei em Niterói com meus pais, Ilha do Governador com meu pai e atualmente em São Gonçalo com minha mãe. Moro muito longe, acordo cedo e chego tarde em casa e não me arrependo nenhum pouco da minha escolha de estudar nesse colégio que só quem estuda ou já estudou pode falar como é a sensação de amor e tradição.

Infelizmente a minha casa não é perto do colégio, atualmente moro em Realengo na zona norte do Rio de Janeiro. Eu tenho que acordar

4h30 para não perder o ônibus do colégio que sai 5h30 da vila militar. O caminho é em grande maioria beirando a linha do trem que definitivamente não é um caminho bonito.

Desde pequeno eu tinha o sonho de estudar no CMRJ. O único ponto negativo do CMRJ é a distância e além deste motivo os alunos que moram em Jacarepaguá passam pela serra Grajaú, além dela ser perigosa ela fecha toda semana. Esse é o principal desafio de ir para o colégio.

O colégio é o lugar onde fazem e encontram amigos, onde se divertem e interagem. A adesão aos valores familiares e aos valores escolares, ainda que em permanente conflito, possivelmente devido às diferentes gerações (VELHO, 2006), pode ser apontada, sobretudo, pelas ponderações de alguns alunos em seguirem a mesma carreira ou religião dos pais.

O objetivo deste artigo foi apresentar a utilização da biografia como recurso nas aulas de Sociologia para os alunos do primeiro ano do Ensino Médio do CMRJ. Ao longo do primeiro trimestre, os alunos puderam escrever sobre sua trajetória de vida e a relação desta com as diversas dimensões da vida social (família, escola, rede de amigos e religião). Meu intuito foi mostrar-lhes, nas aulas seguintes, a partir de comentários sobre os pontos comuns que apareceram nas biografias, em que consiste o fazer sociológico e como se dá o processo de socialização. Para tanto, vali-me dos conceitos de “projeto” e “campo de possibilidades” na tentativa de melhor compreender as narrações feitas pelos alunos a partir de suas trajetórias escolares e de perspectivas futuras.

O “campo de possibilidades”, experimentado pelos alunos ao longo de suas trajetórias no CMRJ, produz motivações para a persecução de seus sonhos e a definição de suas trajetórias. O Colégio se transforma, assim, em um motor de impulso da transformação desses sonhos em realidade.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA Lúgia de Oliveira. **Desigualdade e desempenho: uma introdução à Sociologia da escola brasileira**. Belo Horizonte: Argumentvm, 2009.

BOURDIEU, Pierre. A 'juventude' é apenas uma palavra. In: **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, pp. 112-121, 1983.

\_\_\_\_\_. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (org.). **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, pp.183-191, 2006.

DEBERT, Guita Grin. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de terceira idade. In: BARROS, Myriam Moraes Lins de (org.). **Velhice ou terceira idade?** 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, pp.49-68, 2003.

FREIRE, Fábio Facchinetti. **"Estamos alunos": um estudo sobre a identidade contemporânea dos alunos do Colégio Militar do Rio de Janeiro**. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2015.

FREITAS, Ludmila Fernandes de. **"Somos quem podemos ser, sonhos que podemos ter." Sonhos, projetos e campo de possibilidades de alunos de escolas públicas estaduais**. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 2015.

MILLS, C. Wright. **A Imaginação Sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

\_\_\_\_\_. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.



NOVAES, Regina. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, Maria Isabel; EUGÊNIO, Fernanda (org.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, pp.105-120, 2006.

PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação**, 5 e 6:15-24, 1997.

SILVA, Illeizi Fiorelli. **A imaginação sociológica: desenvolvendo o raciocínio sociológico nas aulas com jovens e adolescentes**. (Experiências e Práticas de Ensino). Roteiro apresentado no Simpósio Estadual de Sociologia. Curitiba, 2005 (mimeo).

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

\_\_\_\_\_. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade contemporânea. In: ALMEIDA, Maria Isabel M.; EUGÊNIO, Fernanda (org.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Zahar, pp. 192-200, 2006.